

A CRISE GLOBAL E A PORTA DE SAÍDA¹

Deusdedith Brasil (*)

Sob o argumento de que o neoliberalismo fracassou e de que há necessidade de adotar um novo modelo de desenvolvimento, o economista João Pedro Stedile, coordenador do MST, José Antônio Morani, filósofo e membro do Instituto de Estudos Socioeconômicos, e Nalu Faria, psicóloga, Coordenadora Geral da Sempreviva Organização Feminista (SOF) sugeriram ao Governo mudanças estruturais, tais como: “reduzir imediatamente taxas de juros e controlar a movimentação do capital especulativo, impedindo a livre circulação; instituindo quarentenas e taxações”, além de recomendarem também que cerca de 600 milhões de reais usados no pagamento de juros sejam utilizados para construir escolas e contratar professores para universalizar o acesso à educação pública. Seriam as “mudanças necessárias” em nosso país.

Para **Luiz Carlos Bresser-Pereira**, professor emérito da Fundação Getulio Vargas, ex-ministro da Fazenda (governo Sarney), da Administração e Reforma do Estado (primeiro governo FHC) e da Ciência e Tecnologia (segundo governo FHC), “se o governo aproveitar a oportunidade (“de ouro”) e baixar com firmeza a taxa de juros para um nível civilizado, ignorando as pressões dos correntistas e financistas, e se, adicionalmente, impedir que a taxa de câmbio volte a se valorizar, o país terá escapado da armadilha macroeconômica em que se encontra há muito e terá condições de crescer sem bolhas: de forma sustentada e forte”. Seria a crise uma “oportunidade de ouro para que o Brasil volte, afinal, a se desenvolver de forma sustentada e acelerada.”

¹ Sobre o artigo:

Artigo publicado no jornal “O Liberal”, na tiragem de 18.12.2008

O seu conteúdo é protegido pelas leis de direitos autorais

Publicado no site www.deusdedithbrasil.adv.br

A economista Eliana Cardoso, professora da Fundação Getulio Vargas, por sua vez, afirmou “que os economistas devem ser mais humildes para reconhecer que os instrumentos da política monetária têm efeito muito limitado para combater a crise: “cortar a taxa talvez seja uma política melhor no Brasil hoje do que aumentar gastos do governo”. Deve o governo continuar a colher os "bons frutos" decorrentes da política de câmbio flutuante, superávit primário e metas de inflação.”

Bem de ver, todos se manifestaram pela redução da taxa de juros como uma das ações do governo para enfrentar os efeitos da crise global, mas a última decisão do COPOM não a reduziu, o que poderá retardar os seus efeitos, em razão dessa redução, quando e se acontecer, não possuir eficácia imediata, porque a economia não reage no mesmo momento em que ocorre a diminuição da taxa de juros, inúmeros fatores interagem.

Eliana defende que o controle capital é ineficaz para enfrentar a crise: “o problema é que a experiência mostra que não funciona, e, além de não funcionar, qualquer alusão à possibilidade de controle de capital gera uma fuga de dinheiro ainda maior e se cria uma desvalorização maior.”

Não tenho dúvida de que a crise financeira exsurgiu porque faltou ao mercado um gás que posso denominar confiança. A ficção financeira de resultados por confiar no mercado foi por terra, porque os agentes mercadológicos perderam a compostura e valorizaram o que não tinha valor algum. Não defendo o controle de capital, mas uma eficiente fiscalização para que a economia real não seja sobrevalorizada no sonho inatingível da malandragem financeira. Assim, como existe uma constituição real e uma constituição formal, há no mercado uma economia real – fácil de ser constada – e há também a financeira formal, muitas vezes feita de sonhos. Se não há correlação, pelo

menos “lógica equiparativa” – se há lógica em mercado – entre a formal e a real, aquela um dia há de entrar em crise porque a sua base é a confiança, gás que pode sumir.

Afinal, qual a porta de saída para crise? No “Dicionário Filosófico” de Voltaire no diálogo entre o faquir Bambabet e Uang me convenci de que o mercado não deve enganar o povo: nunca se deve enganar ninguém. Se partir desta filosofia, as ações aqui registradas para enfrentar a crise poderão dar resultado, exceto à do socialismo retrógrado.